

ENTRE HOMOGENEIDADES E HETEROGENEIDADES: O ROMANCE CONTEMPORÂNEO BRASILEIRO E SUAS CONSTANTES

Emanoel Cesar Pires DE ASSIS¹

A viagem nos ensina algumas coisas. Que a vida é o caminho e não o ponto fixo no espaço. Que nós somos feitos a passagem dos dias e dos meses e dos anos, como escreveu o poeta japonês Matsuo Bashō num diário de viagem, e aquilo que possuímos de fato, nosso único bem, é a capacidade de locomoção. É o talento para viajar.

Adriana Lisboa (2007)

RESUMO: Este trabalho pretende, a partir da leitura de algumas obras da literatura brasileira contemporânea, comprovar a hipótese de que, em meio aos numerosos temas da produção literária contemporânea, há obras que podem ser agrupadas por terem entre si semelhanças quanto ao pano de fundo de suas narrativas. Dentre algumas das hipóteses que poderiam ser levantadas, trazemos à tona a de que uma significativa parte da produção literária atual versa sobre os relacionamentos/conflitos familiares. Dessa forma, a partir da leitura de autores como Chico Buarque (2009), Milton Hatoum (2000), Bernardo Carvalho (2009), Adriana Lisboa (2001, 2007, 2010), Maria Esther Maciel (2008), Silviano Santiago (2008), Cristóvão Tezza (2007), Michel Laub (2009) e Edna Uip (2009) e da colaboração crítica de pesquisadores como Karl Erik Schøllhammer (2009), Beatriz Resende (2008) e Denilson Lopes (2006) nossa hipótese é colocada à prova.

Palavras-Chave: Literatura Brasileira Contemporânea. Crítica Literária. Conflitos Familiares.

INTRODUÇÃO

¹ Graduado em Letras Português/ Inglês pela Universidade Estadual do Maranhão, mestre em Letras pela Universidade Federal do Piauí, e doutorando em Letras pela Universidade Federal de Santa Catarina.

Contato: lordemanoel@hotmail.com

A literatura brasileira contemporânea vem crescendo a largos passos. Publica-se hoje como em nenhum outro momento da nossa história literária. Mas engana-se quem pensa que só os números aumentaram, a qualidade de nossos autores também acompanha esse crescimento. Talvez não na mesma velocidade, mas o fato é que contamos com escritores que vêm consolidando suas carreiras em âmbito nacional e internacional. Deixaremos nomes para depois.

No meio do turbilhão de novos títulos e novos autores é trabalhoso à crítica não só mapear os trabalhos que são lançados, como também, de alguma forma, tentar encontrar traços que possam caracterizar o que chamamos de literatura brasileira contemporânea.

Afinal de contas, o que é ser contemporâneo e o que faz algo ou alguém, no campo da literatura, o ser? Karl Eric Schøllhammer em *Ficção Brasileira Contemporânea* também se depara com o mesmo questionamento. Schøllhammer, reconhecido pesquisador da literatura brasileira mais recente, a partir das leituras de Giorgio Agamben e Roland Barthes, afirma:

O contemporâneo é aquele que, graças a uma diferença, uma defasagem ou um anacronismo, é capaz de captar seu tempo e enxergá-lo. Por não se identificar, por sentir-se em desconexo com o presente, cria um ângulo do qual é possível expressá-lo (SCHØLLHAMMER, 2009, p. 9-10).

Ou seja, para Schøllhammer, o contemporâneo é marcado por uma necessidade de se demarcar uma realidade específica e histórica. Do ponto de vista literário, o contemporâneo se expressaria por uma tentativa de capturar, por mais estranha que nos possa parecer a expressão, uma certa “temporalidade atual”. De novo, temos uma volta e uma demanda ao realismo que tanto marca a literatura brasileira, porém, na literatura recente, ainda segundo Schøllhammer: “Essa demanda não se expressa apenas no retorno às formas de realismo já conhecidas, mas é perceptível na maneira de lidar com a memória histórica e a realidade pessoal e coletiva” (SCHØLLHAMMER, 2009, p. 11).

Talvez seja devido à complexidade de se estabelecer, mais precisamente, o que caracteriza a literatura brasileira contemporânea que a crítica ainda tem se mostrado tímida diante do que está sendo publicado. Isso pode ser nitidamente observado ao

abrirmos uma revista de crítica literária. Na maioria dos textos as reflexões repousam sobre um passado histórico literário, algumas vezes, já saturado e cansado das mesmices. Para Beatriz Resende, outra pesquisadora preocupada em estudar a literatura brasileira mais recente: “A tendência crítica contemporânea é ver o passado, seja pela memória, seja pela história, como conflituoso e, por isso mesmo, fértil. Ao presente restaria, o mais das vezes, a indiferença” (RESENDE, 2008, p. 08). É claro que não podemos fechar os olhos diante do que se vem publicando sobre a temática aqui em questão. Há, sim, bons estudos sobre literatura brasileira contemporânea; Schøllhammer e Resende são bons exemplos. Sem deixar de mencionar Regina Dalcastagnè e seu grupo de pesquisa. O que queremos deixar claro é que ainda há certa resistência e indiferença ao romance brasileiro recente, algumas vezes tachado de “chato e hermético”.

Temáticas, Tons e Motivos: Um Fio de Homogeneidade em um Emaranhado Heterogênic

Segundo Resende (2008), a literatura brasileira contemporânea seria marcada por três constatações: fertilidade; qualidade e multiplicidade. Ou seja, apesar de tudo que se falou e fala sobre a leitura no país, das queixas e até mesmo de uma possível crise do livro neste início de século, consome-se e comenta-se literatura, novos escritores e editoras surgem em um ritmo cada vez maior e o mercado de livros, bem como as feiras literárias, tem mostrado resultados significativos.

Resende também destaca que mesmo em tempos de uma escrita mais automatizada, ajudada pelos programas de computação, o que não quer dizer que o texto terá qualidade, e de um crescente deslocamento da figura do editor para a publicação das obras:

Em praticamente todos os textos de autores que estão surgindo revela-se, ao lado da experimentação inovadora, a escrita cuidadosa, o conhecimento das muitas possibilidades de nossa sintaxe e uma erudição inesperada, mesmo nos autores muito jovens deste início de século (RESENDE, 2008, p. 17).

Seguindo a fertilidade e a qualidade dos textos há, o que pode ser fruto dos fatores anteriores, uma multiplicidade não só temática, mas que se revela na linguagem,

na forma, nos motivos, na relação com o leitor e até mesmo com o suporte onde a escrita repousa, agora não mais limitada ao papel. Para a pesquisadora: “São múltiplos tons e temas e, sobretudo, múltiplas convicções sobre o que é literatura, postura que me parece a mais interessante e provocativa nos debates que vêm sendo travados” (RESENDE, 2008, p. 18).

É com base nessa multiplicidade de tons e temas que resolvemos escrever esse texto. Antes de expor nossas inquietações sobre a literatura brasileira contemporânea, vejamos o que se pode perceber de homogêneo dentro de toda essa heterogeneidade. Para isso, continuaremos tomando de empréstimo as postulações de Schøllhammer, Resende e outras mais. Schøllhammer também concorda que há uma multiplicidade temática na literatura brasileira contemporânea. Para ele:

De modo geral, percebe-se, nos escritores da geração mais recente, a intuição de uma impossibilidade, algo que estaria impedindo-os de intervir e recuperar a aliança com a atualidade e que coloca o desafio de reinventar as formas históricas do realismo literário numa literatura que lida com os problemas do país e que expõe as questões mais vulneráveis do **crime**, da **violência**, da **corrupção** e da **miséria** (SCHØLLHAMMER, 2009, p. 14, grifos nossos).

Se Schøllhammer concorda que há uma reinvenção do realismo literário e que os escritores mais recentes têm escolhido temáticas que tratam das mazelas sociais do país – crime, violência, corrupção e miséria – podemos afirmar que há um traço, mesmo que tênue, revelador de uma temática recorrente entre os escritores contemporâneos. A busca aqui é verificar pontos de homogeneidade dentro da multiplicidade dos temas da atual literatura brasileira, reforçamos isso para destacar nosso objetivo e para que sejam evitados possíveis mal-entendidos.

Schøllhammer, certamente fazendo referência a Denilson Lopes (2006), ainda nos faz pensar em uma possível divisão existente entre o que vem sendo publicado recentemente. Essa divisão estaria pautada no contraste entre duas estéticas literárias. “De um lado, haveria a brutalidade do realismo marginal, que assume seu desgarramento contemporâneo, e, de outro, a graça dos universos íntimos e sensíveis [...]” (SCHØLLHAMMER, 2009, p. 15). Ou seja, poderíamos dividir a produção literária recente em dois motivos: o brutal e o sensível.

Mesmo sabendo que essa divisão pode ser feita, ela parece-nos, e Schøllhammer também se posiciona dessa maneira, um pouco redutora. É certo que de um lado

podemos destacar as obras que se preocupam com os problemas das grandes cidades – a violência, a fome, a miséria, etc. – e de outro lado as obras que trazem uma escrita mais intimista, com relatos “da vida ordinária em seus detalhes mínimos”, autobiográfica e inspirada “pelo mais dia, menos dia de cada um”. Porém, é sabido que uma história pode ser ao mesmo tempo brutal e ter aspectos sensíveis, ou ser sensível com aspectos brutais, como é o caso de *Sinfonia em Branco* (2001), de Adriana Lisboa. Onde sensível e brutal se misturam e se entrelaçam numa escrita com traços intimistas e grotescos ao mesmo tempo.

Essa divisão redutora atende mais aos interesses da imprensa que tenta apresentar a produção contemporânea de forma simplista e dicotômica. Precursor à essa divisão está Denilson Lopes (2006), que tenta colocar parte da produção contemporânea debaixo de uma espécie de guarda-chuva literário que ele denomina de *sublime*. Para ele: “O sublime não só como uma categoria do gosto, da experiência, bastante discutida como tal dentro da história da filosofia, mas sobretudo de articulação das obras contemporâneas” (LOPES, 2006, p. 173), e continua:

Trata-se da possibilidade de uma experiência de beleza que emerge de um cotidiano povoado de clichês, implica repensar o banal e se situa de forma tensa entre a dimensão transgressora e transcendental do sublime associado ao grandioso e o belo, marcado pelo agradável, convencional (LOPES, 2006, p. 174).

Entendemos o que Lopes chama de sublime como sendo as estratégias de trabalho com a linguagem que os autores utilizam para fazer com que fatos banais do dia-a-dia ganhem uma aura literária mais carregada e densa, um certo ar poético. Em mais uma tentativa de expor o que ele pensa por sublime, Lopes afirma: “O sublime no banal estabelece mais um jogo de tensões entre a contemplação e o olhar distraído, a rapidez e a lentidão e prefere apostar mais na sutileza, na delicadeza, na leveza [...]” (LOPES, 2006, p. 174). Podemos destacar mais um livro que atende às especificidades que Lopes aponta, *Rakushisha* (2007), também de Adriana Lisboa, é um exemplo perfeito do que o autor chama de sublime.

Nessa narrativa, Adriana Lisboa é capaz de descrever um fato banal, como o dos transeuntes japoneses nos dias de chuva com suas capas amarelas e suas bicicletas, de forma não convencional, dando um enobrecimento aos fatos do dia-a-dia, destacando e dando ênfase ao que não tem.

Ainda tentando encontrar, dentro da multiplicidade de títulos, características pertinentes a determinadas obras, criando, assim, uma espécie de nicho(s) temático(s), Resende afirma que “dentro da diversidade, há, certamente, questões predominantes e preocupações em comum que se manifestam com mais frequência” (RESENDE, 2008, p. 26). Observando as obras que foram publicadas nas últimas décadas, a autora assevera que há três constantes nos romances desse período. A saber: uma presentificação, um retorno ao trágico e a violência nas grandes cidades.

Para Resende (2008, p. 27):

Há, na maioria dos textos, a manifestação de uma urgência, de uma presentificação radical, preocupação obsessiva com o presente que contrasta com um momento anterior, de valorização da história e do passado, quer pela força com que viveu o romance histórico, quer por manifestações de ufanismo em relação a momentos de construção da identidade nacional.

Ainda mais, a autora afirma que tal presentificação também pode ser observada nos modelos de produção e disseminação dos novos títulos. Um exemplo é a incursão de uma parcela significativa de autores que antes não tinham oportunidades de terem seus textos publicados. Um dos motivos de tal impossibilidade é o fato de viverem à margem: moradores da periferia, os segregados da sociedade, os presos, etc. Que tiveram seus mediadores eliminados no processo de produção cultural, dando aos seus trabalhos um imediatismo visível e estilos dotados de vozes próprias.

Aliado a esse fator encontra-se a escrita de blogs. Muitos romances que só posteriormente tiveram sua publicação em versão impressa foram antes escritos e lidos em ambiente digital por meio dos blogs. Como exemplo podemos citar Ana Maria Gonçalves com *Ao lado e à margem do que sentes por mim* (2002), Ana Paula Maia com *Entre rinhas de cachorro e porcos abatidos* (2009) e o comentado e lido Daniel Galera com *Dentes guardados* (2001). Os blogs caracterizam o que poderíamos chamar de um sistema “agoreiro” de produção literária, ou seja, eles sobrepõem-se aos tradicionais mecanismos do mercado editorial e dão vazão quase que imediata ao que o autor produz.

Os blogs funcionam não só como meio de divulgação das obras, mas também como ambiente de discussão e crítica do texto produzido. Há, assim, uma aproximação entre texto, autor e leitor. As distâncias se estreitam ou até mesmo deixam de existir.

Como exemplo podemos citar os blogs: <http://bloglog.globo.com/thalitareboucas/>, da Thalita Rebouças; <http://www.fabriciocarpinejar.blogspot.com.br/>, do Fabrício Carpinejar; <http://www.ranchocarne.org/>, do Daniel Galera, onde inclusive é possível fazer o *download* de *Dentes Guardados* e <http://caquiscaidosblog.wordpress.com/>, da Adriana Lisboa.

Além da constante da presentificação, Resende também aponta o retorno ao trágico como outra dominante nas obras produzidas nas últimas décadas. Para ela: “O trágico estabelece um efeito peculiar com o indivíduo, supera-o e traça uma relação direta com o destino. Trágico e tragédia são termos que se incorporaram aos comentários sobre nossa vida cotidiana [...]” (RESENDE, 2008, p. 30). É fácil perceber o que Resende afirma ao abirmos os jornais e revistas, bem como os programas noticiários. Todos dão às tragédias destaque principal. Mais uma vez, temos, por parte da literatura, uma descrição e tentativa de expor e questionar as realidades sociais do país em seus mais distintos aspectos.

Mas o trágico na literatura contemporânea não se limita aos problemas do país. Ele alia-se aos micro-mundos pessoais e individuais. Procura expor as mutilações particulares e subjetivas de seus personagens. Colocando-os em situações imprevisíveis e/ou sem retorno.

Dois escritores contemporâneos parecem utilizar o trágico como motim para a construção de suas narrativas. Um deles é Luiz Ruffato, que em *Estive em Lisboa e lembrei de você* (2009) mostra-nos Serginho, personagem principal, sofrendo duras humilhações e privações de uma vida de imigrante. A narrativa tem apenas dois capítulos: um intitulado “Como parei de fumar” e o outro “Como voltei a fumar”, e é na passagem de uma ação para outra que Ruffato nos conta, através de uma escrita que tenta ao máximo aproximar-se da fala coloquial e de um relato verdadeiro², como um morador do interior de Minas Gerais segue para Portugal buscando fazer fortuna em terras estrangeiras. O relato, após mostrar todas as privações e sofrimentos, bem como um caso amoroso entre Serginho e uma prostituta, termina com a descrição do mesmo sem emprego, sem ter onde morar e o pior, sem documentos, passando a viver de forma ilegal e não tendo como voltar para o Brasil.

Outro escritor que também poderia ter um de seus títulos debaixo da temática do trágico é Bernardo Carvalho. Seu último romance, *O filho da mãe* (2009) narra a

² Atentar à nota que abre o livro, onde o autor afirma que o que se segue é “o depoimento, minimamente editado, de Sérgio de Sousa Sampaia”, dando a este inclusive data e local de nascimento.

história de mães que tentam proteger seus filhos do horror da guerra, mães que se encontram e se juntam formando o Comitê das Mães dos Soldados de São Petersburgo, entidade que tem como objetivo ajudar e encontrar jovens recrutas em situações difíceis. A narrativa ora se passa em São Petersburgo, ora nos campos de refugiados da Inguchétia.

A obra tem como motivo principal discorrer sobre o sentimento materno diante das atrocidades da guerra. Mas isso também serve de pano de fundo para contar a história de Andrei – filho de um brasileiro exilado político – e Ruslan – caucasiano, órfão de pai e rejeitado pela mãe –, os dois têm em comum a falta da figura paterna. Os dois jovens se conhecem de forma inesperada e fora do comum, Ruslan assalta Andrei que acaba de voltar com o dinheiro que sustenta os privilégios de seus superiores. Dinheiro fruto da venda do corpo de Andrei.

A partir desse incidente, os dois se conhecem e suas vidas começam a ser entrecortadas e entrelaçadas. Os dois são sujeitos em desconexo com o modelo de jovem recruta que o exército russo prega. Uma vez que, além de estrangeiros, são homossexuais. Por isso, sofrem perseguições e a narrativa é marcada por momentos de preconceito, homofobia e racismo.

Por fim, Ruslan é morto pelo meio-irmão que não aceitava ter laços com um “bunda preta”. Encerra-se a vida amorosa dos dois e temos como ponto final a morte. Vejamos um trecho:

Os cinco se aproximam de Ruslan. Com os braços sobre a cabeça, ele se protege como pode dos golpes que lhe desferem, enquanto gritam injúrias em nome da pureza e da pátria. Cai de joelhos já no quinto golpe, segurando o braço deformado pela pancada. Sua queda é acompanhada de um uivo, e os cinco avançam com mais ímpeto, sem medo. As barras de ferro o atingem na cabeça e nas costas. [...] [Andrei] sempre abraçado à vítima, ajoelhado no chão, levanta o rosto coberto de cuspe e de sangue. [...] Aperta os dedos do rapaz desacordado, forçando-o a segurar o passaporte. Mas os dedos já não têm vida própria (CARVALHO, 2009, p. 178-179).

Além de tratarem do trágico, de forma direta e indireta, as narrativas supracitadas, *Estive em Lisboa e lembrei de você* e *O filho da mãe*, fazem parte da coleção Amores Expressos, da Companhia das Letras. Projeto literário que tinha como objetivo mandar 17 escritores brasileiros a 17 lugares diferentes do mundo. O resultado seria um romance que deveria ter como um dos temas o amor. O que, claro, não exclui a

possibilidades das obras tratarem de outras temáticas também. Paralelo à escrita das obras os autores deveriam manter blogs, alimentados quase que diariamente, com o objetivo de dar maior visibilidade às experiências vividas nos diferentes lugares. Sem deixar de falar na questão da presentificação, que mais uma vez se faz presente.

Por fim, voltando às constantes que Resende aponta na literatura brasileira contemporânea, temos, o que a autora acredita ser o tema mais evidente na cultura produzida no Brasil contemporâneo, a violência nas grandes cidades.

É interessante notarmos que essa constante, de certa forma, abarca as constantes anteriores, uma vez que está relacionada aos fatos do presente, ou seja, dá conta do momento presente e traz como mote para a construção das narrativas, a aliança entre a violência e as tragédias pessoais e/ou coletivas.

Talvez o exemplo mais marcante dessa constante seja *Cidade de Deus* (1997), de Paulo Lins. O romance que ficou muitíssimo conhecido graças à sua adaptação para o cinema conta, do ponto de vista mais fiel possível, já que seu autor fala de dentro do espaço que é narrado, a dura e violenta vida na comunidade de nome homônimo. Para Resende (2008, p. 36):

Como o romance *Cidade de Deus* volta-se para o local em toda a sua violência, talvez nele estejam as cenas mais violentas da literatura brasileira. É a subcultura do crime, do arbítrio, do mundo organizado não mais pelo trabalho, mas principalmente pelo universo infrator do narcotráfico.

Essa constante da violência nas grandes cidades pode fazer claro paralelo ao que Schøllhammer chama de brutal. Bem como, dar mais crédito ainda à constante da presentificação e do trabalho com o real. Schøllhammer nos faz lembrar que essa divisão temática associada à violência nas grandes cidades é uma espécie de volta ao que Alfredo Bosi batizou de *brutalismo*. Brutalismo esse que teve, a partir de 1963, Rubem Fonseca como um dos seus principais precursores. Para Schøllhammer (2009, p. 27, grifo do autor):

O *brutalismo* caracterizava-se, tematicamente, pelas descrições e recriações da violência social entre bandidos, prostitutas, policiais corruptos e mendigos. Seu universo preferencial era o da realidade marginal, por onde perambulava o delinqüente da grande cidade.

Acreditamos ter deixado claro que no meio de tanta multiplicidade e heterogeneidade, é possível estabelecer parâmetros de divisão temática para a literatura brasileira contemporânea. É importante frisarmos que nosso objetivo está relacionado à temática das obras, seus motivos, e que pouco destaque será dado à forma, ao trabalho com a linguagem, ou seja, deixaremos análises mais densas sobre as obras para estudos posteriores.

Os Conflitos/Relacionamentos Familiares Como uma Nova Constante na Literatura Brasileira Contemporânea

A partir de agora, tentaremos expor o que nos parece ser, além das que já foram anteriormente citadas, mais uma constante na literatura brasileira contemporânea. A saber: a dos conflitos/relacionamentos familiares. Antes de começarmos a expor nossa proposta, daremos ao termo contemporâneo, visando aferir uma certa fixidez temporal, bem como um recorte mais específico, uma demarcação particular.

Decidimos delimitar nossa pesquisa ao período que abrange do início do nosso século, até a produção mais recente. Acreditamos que tal delimitação se faz necessária para que se possa mapear e dar mais ênfase a uma época específica de nossa história literária.

O primeiro dos romances a ser destacado é *Dois irmãos* (2000), de Milton Hatoum. Além de abrir nosso século e nosso milênio, o romance de Hatoum é o exemplo perfeito do que chamaremos aqui de conflitos/relacionamentos familiares. A obra narra a conflituosa relação de dois irmãos gêmeos de origem libanesa, Yaqub e Omar, tendo como espaço narrativo a cidade de Manaus.

Irmãos gêmeos, mas de naturezas distintas, os dois, desde cedo, enfrentam-se e travam brigas acirradas. Tentando evitar um desastre na família, Halim, o pai, manda Yaqub para o Líbano. Omar, o Caçula, como é chamado, cresce à sombra dos mimos da mãe que não esconde sua preferência por ele. Enquanto isso, Yaqub vive uma espécie de exílio na casa do tio no Líbano.

A narrativa tem início com a volta de Yaqub e, assim, a volta dos conflitos entre os irmãos. Zana, a matriarca, tenta de diversas formas apaziguar os ânimos entre os filhos, o que se mostra inútil, uma vez que Yaqub carrega no rosto uma cicatriz, fruto de uma vingança de Omar contra Yaqub, por ele ter beijado Lívia, paixão dos jovens. A cicatriz lembra Yaqub do incidente e não deixa o ódio que sente pelo irmão sumir.

Ao chegar, Yaqub se dedica aos estudos e se mostra um excelente estudante de matemática, a ponto de ganhar como prêmio, uma viagem a São Paulo, para terminar e aprimorar seus estudos. Yaqub forma-se em engenharia, volta para Manaus e se casa com Lívia. Os conflitos com o irmão não cessam. De um lado um rapaz honesto e dedicado ao trabalho e aos estudos, de outro um boêmio e agressivo, figura desprovida de qualquer senso de responsabilidade.

Após uma briga com o pai, Omar decide sair de casa, para o desespero de Zana que passa os dias a sua procura. “Andava tristonha, murmurava ‘Roubaram o meu Caçula’, sonhava pesadelos em noites maldormidas e assim foi perdendo o viço. Não comia, só beliscava, bebericava. Mas não desistiu da busca, [...] Mãe enlutada” (HATOUM, 2000, p. 110). E assim, para o desespero de Zana e da irmã Rânia, Omar deixa a casa e não quer ser encontrado.

Mas um dia Omar volta.

E, para desespero de Halim, o Caçula foi mimado como nunca. Nem precisava pedir certas coisas: a mãe adivinhava seus desejos, dava-lhe tudo, desde que não se desgarrasse. Entre ambos não havia recompensa gratuita. Rânia, irritada, teve que abrir o cofre da loja; cedia, a conta-gotas, aos caprichos do irmão; cedia fazendo sermões, enumerando os gastos da casa e da loja, como faz um contador ou um muquirana (HATOUM, 2000, p. 133).

A briga familiar tem fim com o projeto de Omar e seu sócio, um indiano, de construir um hotel em Manaus. A empreitada não dá certo, Omar leva a loja da família à falência e força Rânia a ter que vender a casa. Zana, velha e infeliz, é obrigada a se mudar para um bangalô nos arredores de Manaus. Com o não cumprimento da dívida, Omar é preso.

Nos últimos capítulos, o narrador, Nael – que não sabe se é fruto de um estupro praticado por Omar contra a empregada da casa, Domingas, ou de uma relação que esta teve com Yaqub – relata de forma rápida a morte de Yaqub e a saída de Omar do presídio.

Ele me encarou. Eu esperei. Queria que ele confessasse a desonra, a humilhação. Uma palavra bastava, uma só. O perdão. Omar titubeou. Olhou para mim, emudecido. Assim ficou por um tempo, o olhar cortando a chuva e a janela [...]. Depois recuou lentamente, deu as costas e foi embora (HATOUM, 2000, p. 198).

O excerto acima está na última página do romance. Não há um final feliz em *Dois irmãos*, no prólogo que inicia a obra e que, utilizando-se da prolepse, narra a morte de Zana, podemos perceber que a família influente e abastada desmoronou-se, foi à falência e esfacelou-se. No leito de morte, Zana pergunta em árabe para que só a filha e uma amiga quase centenária possam entender: “Meus filhos já fizeram as pazes?” e o narrador continua: “Ninguém respondeu. Então o rosto quase sem rugas de Zana desvaneceu, ela ainda virou a cabeça para o lado, à procura da única janelinha na parede cinzenta, onde se apagava um pedaço de céu crepuscular” (HATOUM, 2000, p. 10).

Partindo do romance de Hatoum, daremos um salto até o ano de 2007. Ano de publicação de *O filho eterno*, de Cristóvão Tezza. O premiado romance do já consagrado escritor de origem catarinense, pega-nos de surpresa com uma abordagem pouquíssimo enfocada: a dos filhos portadores de necessidades especiais. Dentre os prêmios que *O filho eterno* colheu, podemos citar: Prêmio Zaffari & Bourbon 2009; Prêmio Portugal Telecom 2008 e Prêmio Jabuti – melhor romance 2008.

Além da originalidade da abordagem, Tezza também demonstra ser um escritor corajoso. Uma vez que o romance é de um autobiografismo escancarado. O que Tezza nos narra é sua própria história pessoal. Como se tornou professor, sua vida com a esposa e o nascimento do filho com síndrome de Down.

Mesmo estando na categoria de romance, o livro é de um trato com a realidade e com as experiências individuais do escritor que nos é custoso distinguir o que é fato e o que é ficção. Ou se tudo é fato, ou se tudo é ficção. Temos, além da temática familiar, um relato que se apega aos fatos do cotidiano, nas suas mais singulares minúcias. “A verdadeira realidade é o tempo [...] ele divaga, sentindo a própria ferrugem. O inexorável é a transformação: qualquer uma. O filho estica o braço e eleva o próprio corpo à altura do estribo do fusca: ele vai conseguir entrar ali, avalia o pai (TEZZA, 2007, p. 129).

O filho nasce no início dos anos 1980, pouco ainda se sabe sobre a doença. Ela ainda carrega o nome popular “mongolismo” e é por conta disso que hoje sabemos o peso da palavra “mongolóide”. Falta de conhecimento e preconceito envolvem o pai por todos os lados. Ele desejava tudo, menos ter um filho com trissomia do cromossomo 21. O narrador, em terceira pessoa, como se numa tentativa de distanciar o leitor de uma

possível relação entre autor e pai, expõe-nos a difícil luta de ter um primogênito com necessidades especiais e do que passa na cabeça de um pai nessas circunstâncias:

[...] o pasmo de uma maldição inesperada. Isso é pior do que qualquer outra coisa, ele concluiu – nem a morte teria esse poder de me destruir. Agora, não. Isso não terá fim. Recuou dois, três passos, até esbarrar no sofá vermelho e olhar para a janela, para o outro lado, para cima, negando-se, bovino, a ver e a ouvir [...] Ninguém está preparado para um primeiro filho, ele tenta pensar, defensivo, ainda mais um filho assim, algo que ele simplesmente não consegue transformar em filho (TEZZA, 2007, p. 31-32).

Mais que tudo, *O filho eterno* nos possibilita uma importante reflexão sobre o que o tempo é capaz de fazer em nossas vidas, bem como o amadurecimento que ele é capaz de operar. Do ponto de vista da crítica, o romance é ambiente fértil para repensar as já tão discutidas teorias sobre autor e narrador, autobiografia e ficção, bem como até que ponto ficção e realidade se entrecruzam e se chocam.

O que temos, ao fim da narrativa, é uma emocionante cena onde pai e filho assistem a uma partida de futebol juntos.

O menino pensa. Ergue a mão novamente, agora com três dedos.
– Três a zero, só. Que tal?
– Tudo bem. Mas vai ser duro. Você está preparado?
– Estou! Eu sou forte! – Ele ergue o braço, punho fechado: – Nós vamos conseguir!
– Vamos ver se a gente ganha.
O menino faz que sim, e completa, braço erguido, risada solta:
– Eles vão ver o que é bom pra tosse! (TEZZA, 2007, p. 222).

Finalmente, os desequilíbrios emocionais do pai são superados, o leitor já não tem dúvidas do amor que o pai sente pelo filho. A narrativa, que em nenhum momento utilizou de discurso sentimentalista, tem desfecho feliz e comovente.

Partimos agora para o ano de 2008 com *Heranças*, de Silviano Santiago. Santiago nos brinda com um catatau de quase 400 páginas em que o tema familiar novamente é recorrente. A partir de um viés memorialista, Walter, narrador da trama, já velho e debilitado, nos conta como se tornou rico a partir das especulações no mercado de imóveis.

A trama tem como início o relacionamento familiar entre Walter, sua irmã Filinha e seu pai, Seu Nestor. Walter, um jovem que nunca se mostrou interessado pelos

negócios do pai, os Armários S. José, vê Filinha roubar o seu título de “filho macho” e ser ela a tomar conta das finanças familiares. “Mas no que se refere às finanças da loja de armários e à posição de mando por detrás do balcão e da caixa registradora, o destino reservava papel secundário ao **filinho de papai**. Pelo menos, enquanto **Filinha** estivesse no comando” (SANTIAGO, 2008, p. 37, grifos nossos). É importante notar que, enquanto de um lado está o filinho de papai, com todas as suas regalias e seu desinteresse pelo trabalho, do outro está Filinha, e que o jogo entre os nomes por si só já nos permite fazer uma análise.

Com a morte do pai, é o interesse por tomar posse dos Armários S. José que leva Walter a planejar a morte da própria irmã. Porém, o narrador não deixa claro que ele próprio tentou matar a irmã, dá-nos inúmeras outras possibilidades para o acidente que vitima Filinha, o que, em certos momentos, deixa-nos em dúvida quanto ao verdadeiro motivo por trás da morte de Filinha, se uma fatalidade do destino, ou se um acidente premeditado e planejado. Vejamos o excerto: “Os rendosos Armários S. José, que foram de Seu Nestor, que foram dele e de Filinha, que foram só da diletta Filinha, certo dia, **por golpe de mágica**, passaram a ser totalmente meus” (SANTIAGO, 2008, p. 88, grifo nosso).

A expressão golpe de mágica nos faz pensar nos reais motivos por trás da morte de Filinha. De posse dos negócios da família, Walter, entre negociatas, a venda dos armários e outras empreitadas, se torna rico especulador imobiliário. A partir daí, várias temáticas vão surgindo dentro da obra, desde o relato de como o centro comercial de Belo Horizonte se formou, até o perfil mulherego de Walter e a descrição de seus vários relacionamentos.

Além da temática familiar, que num texto de tamanho volume não poderia ser o único presente, *Heranças* é um romance atípico se comparado à maioria dos romances publicados nos primeiros anos deste século. Afirmamos isso baseados no trato com a linguagem que Silviano dá ao texto, bem como uma retomada ao estilo machadiano pouquíssimo evidente em nossos dias. Estilo machadiano marcado pelo constante apelo e relação entre narrador e leitor. Como na passagem: “Caro leitor, perdoe se forço a barra de sua paciência com dados circunstanciais da vida do rapaz. [...] Mas não lhe pedirei paciência, leitor. [...] Você que me lê e eu já combinamos [...]” (SANTIAGO, 2008, p. 59). Esse estilo também pode ser verificado pelo tom irônico tão peculiar a Machado e que Silviano recorre de maneira nada velada:

Voltemos ao paciente do dentista, perdão, ao escritório da imobiliária, de onde não deveríamos ter saído para a digressão bucal. Apressei o relato dos fatos para passar por cima de acontecimento triste. Em relatos como este, apressar significa perder tempo. Depois de a costura ser dada por encerrada, há que retomar o fio da meada, e bordar mais lentamente o tecido. Enfrento o touro dos fatos com as firulas de bom toureiro (SANTIAGO, 2008, p. 306).

Outro romance publicado no ano de 2008 é o de Maria Esther Maciel, *O livro dos nomes*. Nesse romance, de leitura não trivial e que requer certa atenção do leitor, vinte e seis nomes formam os vinte e seis capítulos do livro, divididos em quatro subcapítulos cada, de parágrafos únicos. Com tantos personagens, não é difícil que o leitor se perca entre as diferentes histórias que são contadas e que se entrelaçam à medida que um novo nome vai surgindo.

Como em um dicionário onomástico, onde os significados dos nomes são dados, os personagens vão surgindo em ordem alfabética, de Antônio a Zenóbia. Após a apresentação dos significados, temos o relato da vida dos personagens e suas relações com os outros personagens. Assim, descobrimos um pouco mais sobre Catarina no capítulo dedicado à Lídia e no dedicado à Sílvia e vice-versa.

Mas onde está a temática dos relacionamentos familiares? Simples, como numa espécie de quadrilha, o que temos em *O livro dos nomes* é a história de uma família contada por seus diversos membros. Marido, mulher, pai, filho, irmão, irmã, cunhado,... todos se misturam em *O livro dos nomes*, assim como os diversos problemas familiares que cada membro enfrenta. Como no excerto: “Filho de Nise e Tenório, irmão de Beatriz, sobrinho de Odília e de Sílvia, Fausto foi criado para ser o mais belo, o mais rico e o mais viril dos homens do mundo” (MACIEL, 2008, p. 37).

Sílvia é casada com Antônio, que tem um caso com Irene e é pai de Eugênia, que tem como irmã mais nova Vanessa, que é prima de Lídia e Catarina, que são filhas de Odília e que hoje “envelhece sozinha, numa casa de ladrilhos e cozinha escura ali perto do rio” (MACIEL, 2008, p. 92). Como podemos perceber, a narrativa de Maria Esther Maciel é um verdadeiro caleidoscópio, diríamos mais, pela sua estrutura e pelo trabalho com a linguagem, *O livro dos nomes* também se configura como um livro sem começo, meio e/ou fim, uma vez que a leitura pode ser iniciada em qualquer ponto e terminar em qualquer outro.

Tudo se entrelaça na narrativa, os diferentes personagens dão lugar a fatos individuais e coletivos ao mesmo tempo. Diferentes facetas dos problemas familiares

são abordadas, bem como distintas soluções para eles. Não só uma narrativa que traz os relacionamentos familiares como temática, *O livro dos nomes* nos surpreende mais ainda pela sua estrutura e pela habilidade engenhosa de sua autora.

Por fim, no intuito de deixar mais visível nossa proposta, expomos ao leitor mais um trecho do livro que se refere aos conflitos familiares:

Por mais que a mãe suplique, Ulisses nunca voltará à sua terra de origem. Isso porque se afinará inteiramente com a experiência do exílio, a qual ainda definirá como “uma escola de vertigens”. Talvez seja isso uma recusa interna ao que ele considerará a maldição de sua família, isto é, a propensão à desmedida (MACIEL, 2008, p. 137).

Passemos agora ao curtíssimo romance de Michel Laub, *O gato diz adeus* (2009). Nessa narrativa, o gaúcho Michel Laub nos apresenta, o que talvez seja uma de suas temáticas preferidas, uma vez que está presente em outros livros de sua autoria, como *O segundo tempo* (2006), o drama familiar ocasionado pelas crises conjugais.

Em *O gato diz adeus*, como que numa espécie de documentário entrecortado por matérias jornalísticas, temos a turbulenta história de um triângulo amoroso que une a atriz Márcia, seu marido e professor universitário Sérgio e o também professor universitário, ex-aluno de Sérgio, Roberto.

Assim como em *O livro dos nomes*, em *O gato diz adeus* também podemos perceber um habilidoso trabalho com a linguagem e sua estrutura, colocando o romance em equilíbrio quase pleno entre os chamados romances conteudistas, em que a história é o ponto máximo do romance, e os chamados formalistas, onde a forma como a história é contada é mais importante.

Em uma narrativa que mistura características da linguagem cinematográfica, usando recursos roteirísticos e inserindo no meio dos depoimentos dos personagens, matérias de jornais e revistas, temos um romance narrado por distintos narradores e com pontos de vista diferentes.

É na segunda parte do livro que nos é apresentada Andréia, inicialmente colocada como “uma leitora do livro de Sérgio”, livro esse que narra a história do triângulo amoroso existente entre os personagens e que Sérgio publica. Posteriormente sabemos que Andréia é filha de Sérgio e Márcia e que ela, bem como seus depoimentos, tem importante papel no desenvolvimento da narrativa. Andréia diz: “Eu entendo que meu pai se recuse a ver. Meu pai tem suas razões porque já sofre demais. Ele tentou

esconder os fatos de mim porque não queria que eu sofresse também, mas claro que foi um esforço inútil” (LAUB, 2009, p. 68). Mais que a história de um triângulo amoroso e os depoimentos de uma filha, *O gato diz adeus*, como afirma a orelha do livro, é uma verdadeira história de amor, povoada de carga emocional, mentira e agressão.

Como um dos últimos exemplos que reforçarão nossa proposta, está o romance de estreia da escritora e advogada Edna Uip, *Espelhos quebrados* (2009). À guisa de *O livro dos nomes*, *Espelhos quebrados* nos mostra um universo povoado por vários personagens, todos de uma mesma família. A quantidade de personagens que consta nas páginas iniciais do livro é tamanha que o leitor se perde em saber as relações de parentesco existentes entre os membros.

Talvez seja por essa dificuldade encontrada que a autora resolveu colocar como primeira página, uma espécie de gráfico genealógico explicando os graus de parentesco entre os personagens envolvidos.

A narrativa tem como foco a história de quatro irmãs: Patrícia, Clarisse, Carmem e Clara, e o detalhamento individual, bem como o arranjo coletivo, de suas vidas. Os capítulos são divididos em dias e dentro de cada dia há um subcapítulo dedicado a cada irmã, bem como aos outros familiares presentes na narrativa. Uip tenta dar a cada irmã traços físicos e de personalidade distintos, fazendo com que o leitor possa prever e entender o comportamento das irmãs.

Devemos confessar que há uma preocupação exagerada em dar tais traços, principalmente os de personalidade, às irmãs, o que faz com que em alguns momentos a narrativa tenha um tom forçado e pouco hábil no que diz respeito ao trato com a linguagem. Como na cena em que Clara, a irmã mais nova, apanha do marido machista e controlador:

Clara não teve coragem de retrucar e fez como o marido ordenou. Percebeu que ele desafiava o cinto e o puxava para fora dos passadores da calça. Só entendeu o que estava acontecendo após sentir a terrível dor nas suas costas. E mais uma vez, e mais outra vez. Gustavo batia como se quisesse cortá-la ao meio. [...] Ordenou que Clara se vestisse, arrumasse o rosto e fosse imediatamente para a sala para receber os convidados.

– Espero que você tenha aprendido o recado. E se abrir a boca pra alguém eu te mato (UIP, 2009, p. 87).

Em raros momentos os traços são dados de forma velada. O que faz com que o leitor não seja levado a se interrogar sobre os acontecimentos, já que eles são apresentados de forma clara.

A tentativa da autora é clara: quer dar a cada irmã, quer seja por suas descrições, quer pelo convívio delas com marido e filhos, características marcantes, que as façam distintas entre si. Assim, temos: a submissa, a depressiva, a centrada e a dona de si. Além de um relato sobre os conflitos e relacionamentos familiares, *Espelhos quebrados* nos revela o universo pessoal e íntimo de mulheres que, por terem tido um pai autoritário e uma mãe submissa, crescem e refletem suas experiências de infância cada uma a sua maneira.

Considerações Finais

Com certeza ainda poderíamos acrescentar outros títulos a esse nosso estudo e deixar nossa proposta mais consistente ainda. De imediato ainda poderíamos falar sobre *Leite derramado* (2009), de Chico Buarque, o anteriormente citado *O filho da mãe* (2009), de Bernardo Carvalho e *Azul-corvo* (2010), de Adriana Lisboa. Todos eles também abordam a temática dos conflitos/relacionamentos familiares em seus interiores, quer seja pela escrita memorialista em *Leite derramado*, onde Eulálio, narrador e protagonista, nos conta a história da família Assumpção, desde a época imperial, quer seja na luta das mães para terem seus filhos longe da guerra, como em *O filho da mãe*, ou mesmo em *Azul-corvo*, onde, também de forma memorialista, Evangelina, a Vanja, nos narra sua busca pelo pai biológico.

Ao longo do texto tentamos deixar evidente que a temática dos conflitos/relacionamentos familiares é uma constante presente na literatura brasileira deste último século. O fato é que não é só como constante temática que os relacionamentos familiares estão presentes na narrativa contemporânea, eles também servem como pano de fundo para narrativas com temáticas diferentes: como é o caso de *Nada a Dizer* (2010), de Elvira Vigna. Não há de se negar que é na família onde primeiro conhecemos as alegrias e tristezas, o prazer e a dor, o amor e o ódio, enfim, nossas experiências de vida, emocionais e/ou não, ganham seus primeiros passos no contexto familiar. Assim, conhecedora desses dilemas, a literatura, já há algum tempo, vem tratando do assunto.

Para Mikail Bakhtin (1988) o romance familiar tem início com a obra *Tom Jones*, de Henry Fielding, que gira em torno da construção das relações humanas. Seria o romance contemporâneo uma retomada ao romance familiar? Talvez. Como a literatura se alimenta, dentre outras coisas, dela mesma, o romance contemporâneo pode estar incorporando aspectos do romance familiar do século XVIII. Não à toa, é exatamente durante esse mesmo século que a instituição família ganha força e se solidifica, tendo como um dos motivos o estabelecimento com vigor da propriedade privada.

Mas, assim como as mudanças ocorridas no contexto familiar do século XVIII aos nossos dias, o romance contemporâneo também ganhou roupagem nova. Para Bakhtin (1997, p. 314):

A época, o meio social, o micro-mundo – o da família, dos amigos e conhecidos, dos colegas – que vê o homem crescer e viver, sempre possui seus enunciados que servem de norma, dão o tom; são obras científicas, literárias, ideológicas, nas quais as pessoas se apóiam e às quais se referem, que são citadas, imitadas, servem de inspiração.

Ou seja, são os micro-mundos que servem de pano de fundo para a construção das narrativas. Por isso, percebemos de forma tão marcada, dentro dos romances aqui abordados, um apelo constante aos relatos individuais e à vida particular na sua vivência mais íntima.

O romance de temática familiar há muito povoa o universo literário, o que queremos deixar evidente com a nossa proposta é que, mais do que nunca, o contexto familiar e seus conflitos vêm à tona e são matéria prima para a construção das narrativas literárias. Não podemos negar que é o próprio período temporal e cultural que alimenta e serve de reflexo para a narrativa recente.

A literatura contemporânea brasileira retrata e, acima de tudo, recria o retrato da nossa atual sociedade, onde cada vez mais famílias se desfazem e se refazem, se odeiam e se amam, se unem e se separam, mas, acima de tudo, nunca deixam de existir.

REFERÊNCIAS:

BAKHTIN, Mikail. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

_____, Mikail. **Questões de Literatura e de Estética**: a teoria do romance. São Paulo: Unesp, 1988.

BUARQUE, Chico. **Leite Derramado**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

CARVALHO, Bernardo. **O Filho da Mãe**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

HATOUM, Milton. **Dois Irmãos**. São Paulo: Companhia de Bolso, 2000.

LAUB, Michel. **O Gato Diz Adeus**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

LISBOA, Adriana. **Azul-corvo**. São Paulo: Rocco, 2010.

_____, Adriana. **Rakushisha**. São Paulo: Rocco, 2007.

_____, Adriana. **Sinfonia em Branco**. São Paulo: Rocco, 2001.

LOPES, Denilson. “Beleza, beleza e nada mais”, **Revista Ilha do Desterro**, Florianópolis, nº 51, jul/dez. 2006, p. 165-181.

MACIEL, Maria Esther. **O Livro dos Nomes**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

RESENDE, Beatriz. **Contemporâneos**: Expressões da Literatura Brasileira do Século XX. Rio de Janeiro: Casa da Palavra: Biblioteca Nacional, 2008.

RUFFATO, Luiz. **Estive em Lisboa e Lembrei de Você**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

SANTIAGO, Silviano. **Heranças**. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.

SCHØLLHAMMER, Karl Erik. **Ficção Brasileira Contemporânea**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

TEZZA, Cristovão. **O Filho Eterno**. Rio de Janeiro: Record, 2007.

UIP, Edna. **Espelhos Quebrados**. São Paulo: Sá Editora, 2009.

VIGNA, Elvira. **Nada a Dizer**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

ENTRE HOMOGENEIDADES E HETEROGENEIDADES: O ROMANCE CONTEMPORÂNEO BRASILEIRO E SUAS CONSTANTES

ABSTRACT

This paper aims, from reading some works of contemporary Brazilian literature, to prove the hypothesis that among the many themes of contemporary literary production, there are works that can be grouped together because they have similarities in the backgrounds of their narratives. Among some of the hypotheses that could be raised, we bring to light that a significant part of literary production today is about family conflicts/relationships. Thus, from the reading of authors such as Chico Buarque (2009), Milton Hatoum(2000), Bernardo Carvalho (2009), Adriana Lisboa (2001, 2007,2010), Maria Esther Maciel (2008), Silviano Santiago (2008) Cristóvão Tezza (2007), Michel Laub (2009) and Edna Uip (2009), and also based on the collaboration of researchers like Karl Erik Schøllhammer (2009), Beatriz Resende (2008) and Denilson Lopes (2006) the hypothesis is put to test.

Key-words: Contemporary Brazilian Literature. Literary Criticism. Family Conflicts.